

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**BÁRBARA VITÓRIA DOS REIS SANTOS**

**SARAU NEGRAS NO PODER: A POTÊNCIA DA ORALIDADE NEGRA FEMININA  
NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DA MEMÓRIA COLETIVA EM SÃO  
PAULO**

**Jaraguão**

**2025**

**BÁRBARA VITÓRIA DOS REIS SANTOS**

**SARAU NEGRAS NO PODER: A POTÊNCIA DA ORALIDADE NEGRA FEMININA  
NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DA MEMÓRIA COLETIVA EM SÃO  
PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras - Português da Universidade  
Federal do Pampa, como requisito parcial  
para obtenção do Título de Licenciada em  
Letras - Português.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane Lazzaris

**Jaraguão**

**2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S237s Santos, Bárbara Vitória dos Reis

Sarau Negras No Poder: A Potência da Oralidade Negra  
Feminina na Construção da Identifidade e da Memória Coletiva  
em São Paulo / Bárbara Vitória dos Reis Santos.

46 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS, 2025.

"Orientação: Prof<sup>a</sup> Dra. Fabiane Lazzaris".

1. Oralidade negra feminina. 2. A oralidade como construção  
de identidade e memória. 3. Sarau como ferramenta de  
construção da identidade e memória coletiva negra. I. Título.

**BÁRBARA VITÓRIA DOS REIS SANTOS**

**SARAU NEGRAS NO PODER: A POTÊNCIA DA ORALIDADE NEGRA FEMININA NA  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DA MEMÓRIA COLETIVA EM SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Letras -  
Português da Universidade Federal  
do Pampa, como requisito parcial  
para obtenção do Título de  
Licenciada em Letras - Português.

Trabalho de Conclusão de Curso, defendido e aprovado em: 26 de junho de 2025.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Fabiane Lazzaris

Orientadora  
(UNIPAMPA)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Clara Zeni Camargo Dornelles

Membro da Banca  
(UNIPAMPA)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sátira Machado

Membro da banca  
(UNIPAMPA)

---



Assinado eletronicamente por **FABIANE LAZZARIS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/06/2025, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



Assinado eletronicamente por **SATIRA PEREIRA MACHADO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/07/2025, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



Assinado eletronicamente por **CLARA ZENI CAMARGO DORNELLES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/07/2025, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1752199** e o código CRC **F54F30C8**.

---

## RESUMO

Este artigo analisa como o Sarau Negras no Poder, realizado em espaços dentro e próximos às periferias de São Paulo, atua como espaço de resistência e construção de identidade entre mulheres negras. Através da oralidade, da literatura marginal e da recitação de autoras negras brasileiras, o sarau se consolida como território de memória coletiva, escrevivência e reexistência. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utiliza um questionário e observação participante para compreender como a linguagem oral periférica se transforma em instrumento político e afetivo. Os dados demonstram que a oralidade, longe de ser vista como ausência, é prática ancestral, e se constitui como base formadora da identidade dessas mulheres.

**Palavras-chave:** oralidade; identidade; literatura negra; memória coletiva; sarau.

## **ABSTRACT**

This article analyzes how the Sarau Negras no Poder, held in and around the outskirts of São Paulo, functions as a space of resistance and identity construction among Black women. Through orality, marginal literature, and the recitation of Brazilian Black women writers, the sarau establishes itself as a territory of collective memory, *escrevivência*, and *(re)existence*. This qualitative research employs questionnaires and participant observation to understand how peripheral oral language becomes both a political and affective tool. The findings show that orality, far from being seen as an absence, is an ancestral practice and serves as a foundational element in the identity formation of these women.

**Keywords:** orality; identity; Black literature; collective memory; poetry slam.

## Sumário

Resumo .....	6
Abstract.....	7
1. Introdução .....	8
2. Leitura Literária como Instrumento de Identidade e Resistência.....	8
3. O Sarau Negras no Poder como Espaço de Pesquisa .....	13
4. Metodologia .....	16
5. Análise.....	17
6. Considerações Finais.....	28
Referências .....	31
ANEXO I - Questionário .....	32

## **1. Introdução**

A literatura é um espaço fértil de construção simbólica, política e afetiva. Em contextos de exclusão social, como o da população negra periférica, a palavra ganha ainda mais potência: torna-se ferramenta de resistência, afirmação e memória. Este artigo tem como objetivo entender de que forma a literatura recitada no Sarau Negras no Poder, realizado na periferia da cidade de São Paulo, atua como instrumento de construção identitária e resgate da memória coletiva entre mulheres negras.

Esse sarau, organizado por mulheres negras, acontece em locais alternativos como quintais, cafés e parques, e se consolidou como um espaço cultural em que a oralidade, a performance e o pertencimento se entrelaçam. As obras apresentadas, muitas vezes escritas por autoras negras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Elizandra Souza e Mel Duarte, geram identificação profunda entre as participantes. Essa identificação não se limita à estética textual, mas se estende às vivências partilhadas, às memórias evocadas e às subjetividades reconstruídas. Como destaca Zumthor (2010, p. 44), “a poesia [...] repousa, em última análise, em um fato de ritualização da linguagem”. A performance poética, nesse contexto, atua como um rito contemporâneo em que o corpo, a voz e o coletivo constroem sentidos compartilhados.

A proposta desta pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativa, por meio dos instrumentos: observação participante; questionário semiestruturado e análise de questionários aplicados às participantes do sarau. O intuito é compreender como essas mulheres se apropriam da linguagem poética e performática para expressar sua própria história, resignificando traumas, afetos e identidades.

## **2. Leitura Literária como Instrumento de Identidade e Resistência**

O ponto de partida para este estudo é a compreensão da literatura como espaço de resistência e cura. A leitura literária que ocorre em saraus como o Negras no Poder ultrapassa o ato estético e se torna uma prática social. A oralidade, presente nesses encontros, carrega uma herança ancestral de comunicação e preservação da memória coletiva.

Ao analisar a literatura recitada no sarau, percebe-se que não se trata apenas de compartilhar textos, mas de vivenciar uma comunhão simbólica em que as palavras carregam a história de um povo. A performance poética se torna um grito contra o apagamento e a escuta conforme observado durante o sarau, um gesto político de reconhecimento e acolhimento.

Nesse contexto, a leitura passa a ser vista como um ritual de pertença. A cada recitação, as mulheres ali presentes revivem experiências próprias e coletivas, encontrando nos textos alheios suas próprias vozes. Isso reforça a ideia de que o sarau é um espaço de escrevivência — conceito cunhado por Conceição Evaristo — onde vida e palavra se fundem para reescrever a história sob uma perspectiva negra e feminina.

A literatura negra feminina, desde sempre, nasce de um lugar que é corpo, é rua, é cozinha, é silêncio e também é grito. É uma escrita feita de vivência. Conceição Evaristo chamou isso de escrevivência, um termo que não quer apenas nomear um estilo literário, mas evidenciar que o que está sendo narrado ali é vida pulsando, sendo transcrita em forma de poesia, prosa ou conto, mas sem abandonar o suor da sobrevivência que a originou.

Para Evaristo (2020, p. 54), “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Essa frase, muitas vezes repetida nos saraus, carrega uma força que diz muito sobre o que é o Sarau Negras no Poder: um espaço de incômodo para quem nunca precisou resistir, mas de cura para quem passou a vida toda lutando para existir.

Como a própria Evaristo, mas também Carolina Maria de Jesus, Cristiane Sobral, Elizandra Souza, Mel Duarte — escrevem a partir de um lugar que entende a dor da exclusão, mas que também reconhece a beleza da ancestralidade. São vozes que se negam a ser apagadas e que, ao serem recitadas, ecoam em outras mulheres, como num chamado ancestral que passa de geração em geração.

No Sarau Negras no Poder, essa literatura ganha corpo, voz e gesto. A cada leitura, há mais do que palavras — há memórias sendo revisitadas, identidades sendo reafirmadas e cicatrizes sendo expostas com orgulho. A escrita negra feminina, nesse

contexto, não é apenas texto, mas também prática social, instrumento de fortalecimento e estratégia de reexistência: é transformar o lugar da linguagem, da estética e da memória.

A literatura negra feminina, desde sempre, nasce de um lugar que é corpo, é rua, é cozinha, é silêncio e também é grito. É uma escrita feita de vivência. Conceição Evaristo chamou isso de *escrevivência*, um termo que não quer apenas nomear um estilo literário, mas evidenciar que o que está sendo narrado ali é vida pulsando, sendo transcrita em forma de poesia, prosa ou conto, mas sem abandonar o suor da sobrevivência que a originou.

Para Evaristo (2020, p. 54), “a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Essa frase, muitas vezes repetida nos saraus, carrega uma força que diz muito sobre o que é o Sarau Negras no Poder: um espaço de incômodo para quem nunca precisou resistir, mas de cura para quem passou a vida toda lutando para existir.

As autoras negras que fazem parte do repertório do sarau — como a própria Evaristo, mas também Carolina Maria de Jesus, Cristiane Sobral, Elizandra Souza, Mel Duarte — escrevem a partir de um lugar que entende a dor da exclusão, mas que também reconhece a beleza da ancestralidade. São vozes que se negam a ser apagadas e que, ao serem recitadas, ecoam em outras mulheres, como num chamado ancestral que passa de geração em geração.

A oralidade nunca deixou de estar presente na história da população negra. Antes mesmo da alfabetização formal ser acessível, já se contavam histórias nas cozinhas, nos terreiros, nas rodas de conversa. A voz, como afirma Zumthor (2010, p.40), carrega uma energia ancestral que ultrapassa os limites da linguagem escrita, sendo capaz de transmitir conhecimentos, emoções e tradições por meio do corpo e da performance. A palavra oral, nas culturas de tradição oral, adquire um caráter ritual e performático que a torna viva, dinâmica e profundamente ligada ao contexto social em que é produzida. A palavra falada, passada de boca em boca, foi durante muito tempo a única forma possível de manter viva a cultura, as tradições e as memórias.

Nos saraus, essa prática ancestral encontra um novo formato: o microfone. Mas o sentido permanece. É através da fala que essas mulheres — mães, filhas, professoras, domésticas, poetisas — contam o que foi vivido e o que ainda pulsa dentro delas. A oralidade, portanto, é uma tecnologia ancestral de resistência Santos e Joviano (2018).

Segundo Conceição Evaristo (2016, p. 9), “ao subverter a língua de Próspero — o homem branco —, Caliban — a mulher negra — abre caminho para a liberdade”. Essa subversão não está apenas no que é dito, mas *como* é dito. No sarau, a norma culta cede espaço para o ritmo da quebrada, para o sotaque carregado, para o uso criativo da linguagem — e isso, por si só, é um ato político.

A oralidade permite que mesmo quem não escreve ou lê com fluência possa se expressar, ser ouvido e reconhecer-se. Ela aproxima, afeta e transforma. Nos encontros do Sarau Negras no Poder, é possível ver o impacto da palavra quando uma mulher se emociona ao ouvir um poema que poderia ter sido escrito por ela. Essa identificação não acontece apenas pelo conteúdo, mas pelo tom da voz, pelo silêncio entre as frases, pelo modo de olhar enquanto se fala. A palavra oral, nesse contexto, não apenas narra a vida — ela reorganiza a vida.

A identidade da mulher negra brasileira não se forma no vazio. Ela é atravessada por séculos de silenciamento, pela história da escravidão, pelo racismo cotidiano e pela ausência de representações positivas nos espaços sociais e educacionais. Construir essa identidade é, antes de tudo, um ato de resistência. E nos saraus, essa resistência encontra voz, corpo e memória.

O Sarau Negras no Poder é um espaço em que as mulheres negras não apenas se reconhecem nas palavras das outras, mas também se autorizam a falar. O que se constrói ali é coletivo, é ancestral e é político. A cada poema lido, algo se organiza dentro de quem ouve e de quem fala. As experiências de dor, afeto, fé e coragem são compartilhadas como quem passa adiante um segredo sagrado — aquele que, por muito tempo, nos foi impedido de contar.

A escritora Cristiane Sobral, nos ensina que a memória é algo que se repete no corpo, assim como. Seus poemas nos dizem que lembrar é, também, um gesto de cura. Quando suas personagens negras se olham no espelho, não veem só o reflexo,

mas enxergam a avó, a tia, a mãe. O passado está vivo e presente, e isso é memória coletiva em movimento.

Elizandra Souza em seu *Livro Águas da Cabaça* (2012), especificamente o poema *Identidade*, propõe uma escrita marcada pela ancestralidade e pelo cotidiano periférico, possuído pelas impossibilidades. Seus poemas são confessionais e ao mesmo tempo políticos, trazendo à tona a experiência de ser mulher negra num país que insiste em negar o direito à existência plena. Elizandra não fala apenas de opressão, mas também de afeto, de espiritualidade, de corpo, de desejo. E é nesse equilíbrio entre força e sensibilidade que a identidade vai se formando: complexa, múltipla, potente.

“Meu nome é Elizandra

Filha do trovão e do vento...

Gosto de pensar as palavras

... ler os silêncios

...brincar com os livros”

...amar é o verbo que mais sei julgar

Passado, presente, futuro...

(...)“ (SOUZA, 2012, p. 16)

Seguindo, este mesmo raciocínio, também nas palavras de Conceição Evaristo, identidade e memória não são apenas construções individuais, mas laços que nos conectam à coletividade. Ao falar de escrevivência, Evaristo nos lembra que cada texto carrega o sangue, o suor e a lágrima de quem viveu aquilo que está sendo narrado. A memória coletiva, nesse sentido, é o fio que costura as vozes que vieram antes com as vozes que hoje ecoam nos saraus.

No Sarau Negras no Poder, essa costura acontece em tempo real. As mulheres não falam sozinhas — falam por si, para as que vieram antes e para todas que virão depois. A literatura, nesse contexto, é mais do que arte. É herança, é ferramenta, é

testemunho. É a maneira como reconstruímos o que nos foi tirado: a narrativa da nossa própria existência.

### **3. O Sarau Negras no Poder como Espaço de Pesquisa**

O Sarau Negras no Poder se apresenta como um espaço de expressão coletiva, onde a literatura não apenas circula, mas se torna um instrumento de reconstrução identitária. Realizado por mulheres negras e para mulheres negras, o sarau acontece em locais que dialogam com o cotidiano periférico da cidade de São Paulo: quintais, cafés e centros culturais. Nesses espaços, a palavra é libertada das amarras acadêmicas e posta em movimento, viva, atravessando corpos e memórias.

O Sarau Negras no Poder, surgiu por meio do coletivo Negras no Poder, idealizado pela Jéssica Karine, coach de inteligência emocional, mulher e negra, também criadora do movimento Acolher, atualmente, mora no exterior, mas deixou-nos representantes no Brasil, para a expansão no Brasil, que nasceu com o objetivo de conectar mulheres negras do mercado de trabalho e criar uma rede de apoio profissional, mas com o passar do tempo, percebemos, enquanto participantes e moderadoras, a necessidade de criar um espaço de afeto, memória, ressignificação para cada mulher, afinal o viver, não se constrói apenas no mercado de trabalho, mas também pela referência, memória, história.

A escolha do Sarau como objeto de pesquisa parte da intenção de compreender como a literatura, nesse contexto, atua de forma direta na formação da identidade das participantes. Mais do que apenas ouvir poemas, as mulheres presentes no evento se veem refletidas nas palavras ditas. Muitas vezes, elas não apenas escutam, mas reagem: choram, sorriem, confirmam com a cabeça, completam os versos em uníssono, como se aquelas falas também fossem suas.

Essa resposta afetiva é um ponto essencial da pesquisa. Através da observação direta, foi possível registrar essas interações e reações que, muitas vezes, dizem mais do que as palavras. Cada gesto, cada olhar atento ou cada suspiro carregado de emoção, demonstra como a literatura ali não é apenas conteúdo — é espelho.

Dentro dessa dinâmica, foi possível identificar elementos recorrentes nos textos que mais ressoam com as participantes, como: a evocação da ancestralidade, o enfrentamento do racismo, a valorização do corpo negro feminino, e principalmente, a liberdade de falar do cotidiano com lirismo e dor. Esses temas, ao serem recitados com a linguagem própria de cada autora — e muitas vezes em variações linguísticas que rompem com a norma padrão — ganham força e acolhimento. O sarau, portanto, não apenas permite a apropriação dessas vozes literárias, mas convida à reescrita da própria história.

A linguagem utilizada no sarau, marcada pela oralidade, pela mistura entre norma culta e fala periférica, e por vezes por expressões do candomblé, da rua, da mãe preta — tudo isso reflete uma cultura que se reafirma a partir da palavra. Nas entrevistas realizadas com as participantes, ficou evidente como a linguagem, por si, já é um ato de identidade. Muitas afirmam que foi ali, ouvindo um poema que misturava “erudição” com “gíria”, que entenderam que suas falas também eram válidas, que sua voz também podia ser poesia.

Esse aspecto revela que as participantes se apropriam da literatura como forma de validação de suas existências linguísticas e culturais. Não há constrangimento em dizer “nóis vai resistir” no mesmo sarau em que se recita Conceição Evaristo ou Cristiane Sobral e até mesmo poesias autorais de cada “mana” que participa. Ao contrário: há um reconhecimento de que as variedades linguísticas brasileiras são tão legítimas quanto qualquer norma, e isso reforça o papel do sarau como prática pedagógica e política, além de forma de entrada na mudança da oralidade brasileira

Nesse sentido, o Sarau Negras no Poder também se revela um potente laboratório de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, sob uma ótica crítica, antirracista e afetiva. O que se ensina ali não é a norma gramatical da elite, mas a capacidade da linguagem de curar, unir e transformar. E esse aprendizado vem da escuta, da troca, da identificação entre mulheres negras que se veem refletidas naquilo que dizem e escutam.

Assim, o sarau se torna um espaço de pesquisa que fala por si — não só nos textos, mas também nos gestos, nos olhares e nas ressonâncias emocionais que cada palavra provoca. Pesquisar esse espaço é, antes de tudo, ouvir com o corpo. Como

pesquisadora e participante ativa do sarau, auxiliando na organização, percebe-se que cada mulher que por ele passa, conversa e se expressa com as demais, com suas expressões, postura de conforto ao estar no meio de outras mulheres negras e para que a experiência seja positiva, precisamos estar atentas as leituras corporais, além das faladas.

O sarau *Negras no Poder* emerge como um ato político-estético de resistência e pertencimento. Mais do que um evento literário, é um espaço de criação viva, onde a palavra falada não é contida por regras normativas, mas impulsionada pelas experiências de mulheres negras que (re)existem em seus corpos e vozes. A escolha por ambientes como quintais, casas de participantes, parques e espaços culturais descentralizados, dentro da cidade de São Paulo, reforça o caráter comunitário e acessível do encontro, rompendo as barreiras simbólicas (da norma padrão e culta da língua portuguesa, tanto em sua escrita como na oralidade) que a literatura escrita frequentemente impõe.

Nesse contexto, é fundamental considerar que “a performance é o único modo vivo de comunicação poética” (ZUMTHOR, 2010, p. 34). Para além do texto, é o corpo que pulsa, é a voz que vibra, é o instante compartilhado que dá sentido à poesia. É nesse gesto coletivo e performático que a linguagem se transforma em vivência, e o sarau, em território de memória, cura e invenção.

Mais do que um espaço de fala, o *Negras no Poder* é um território sensorial cuidadosamente construído para honrar a ancestralidade que nos habita. A cada edição, as organizadoras — também artistas e ativistas — pensam com carinho na ambientação do espaço: tapetes no chão, tecidos com estampas africanas, velas, aromas, frutas e objetos simbólicos evocam as raízes de matrizes afro-brasileiras e africanas. Essas escolhas não são mero ornamento, mas parte fundamental da experiência estética e espiritual do sarau, como um elo entre passado, presente e futuro. É nesse cenário que vozes se entrelaçam, corpos se movimentam e histórias se encontram.

A performance poética aqui é atravessada pela memória coletiva, e se constitui como um ato de sobrevivência. Como diz Zumthor (2010, p. 33), “a performance é um fenômeno heterogêneo [...] em que todos os elementos cristalizam em uma e para

uma percepção sensorial – um engajamento do corpo”. No sarau, esse engajamento se dá não apenas pela palavra dita, mas pelo ambiente construído para que a palavra encontre lugar de pouso. Tornamo-nos, assim, guardiães da oralidade: escutamos para preservar, falamos para não desaparecer, criamos para permanecer.

#### **4. Metodologia**

O caminho metodológico desta pesquisa foi construído com os pés no chão da periferia e os ouvidos atentos às vozes que há tanto tempo foram silenciadas. Mais do que aplicar instrumentos, a proposta foi escutar, observar e sentir — respeitando os tempos, os afetos e as verdades de cada mulher que atravessa o Sarau Negras no Poder.

A investigação se insere em uma abordagem qualitativa, ancorada na observação participante e no uso de um questionário com perguntas abertas. O objetivo central foi compreender como a literatura recitada e compartilhada no sarau ressoa na vida das mulheres negras presentes, e de que maneira essa experiência se articula à construção da identidade, da memória coletiva e da valorização da linguagem oral e periférica.

Durante os encontros do sarau, foi possível registrar não apenas os textos recitados, mas também as reações do público, os silêncios cheios de sentido, os sorrisos e os olhos marejados. A observação foi feita como quem participa de um ritual, sem interromper, sem interferir — apenas testemunhando a força da palavra quando ela vem de dentro.

Essas observações contribuíram para perceber o quanto a oralidade é, nesse espaço, mais do que forma: é conteúdo, é estética, é resistência. A forma como cada mulher fala, escolhe suas palavras, performa seus textos ou compartilha suas memórias, revela sua trajetória. E é exatamente aí que se encontra o elemento central da identidade: a linguagem como espelho da vivência.

Com o intuito de registrar com mais profundidade as percepções das participantes do sarau, foi elaborado um questionário com sete perguntas abertas, aplicado de forma virtual, por meio do formulário do google forms e enviado no grupo

de whatsapp do coletivo Negras no Poder. As questões foram construídas com base nos objetivos da pesquisa, especialmente para responder às perguntas:

1. Quais variedades linguísticas você utiliza em seus poemas ou textos? Como você acha que essas variedades refletem a sua cultura e a sua vivência?
2. Como você percebe a relação entre a sua identidade e a forma como você se expressa linguisticamente? Você sente que a sua linguagem é valorizada no espaço do sarau?
3. De que maneira você acredita que a literatura e a poesia podem contribuir para a construção da memória coletiva da população negra na periferia de São Paulo?
4. Você acredita que a prática do sarau Negras do Poder é uma forma de resistência cultural? De que maneira a literatura pode ajudar a combater estereótipos e preconceitos?
5. Como você vê a importância de ter vozes femininas negras diversas no sarau? De que forma isso pode impactar a percepção da literatura e da língua na sociedade?
6. Quais autoras negras influenciam a sua escrita ou a sua forma de ver o mundo? Como elas contribuem para a sua construção identitária?

O questionário foi respondido por mulheres negras de diferentes idades, trajetórias e ocupações, entre elas: professoras, poetas, educadoras sociais, artistas, funcionárias públicas e ativistas. A diversidade das respostas, no entanto, revela um fio condutor comum: a potência da linguagem periférica como forma de resistência e construção de identidade.

O convite para responder o questionário foi feito através do grupo do coletivo Negras no Poder o qual deu a origem ao Sarau Negras no Poder.

## **5. Análise**

Esta pesquisa foi realizada com uma pequena amostragem. Onde voluntariamente 10 participantes do Sarau se disponibilizaram para responder às questões. As falas recolhidas revelam que o sarau não apenas acolhe, mas transforma

a percepção que as mulheres negras têm de si mesmas e de sua forma de falar. Expressões como “minha fala é respeitada”, “minha linguagem tem valor”, “a palavra me cura” surgem repetidamente, indicando que o sarau se constitui como um território de reconexão com a ancestralidade e com a liberdade de existir na própria língua.

Está análise, não irá expor em seu corpo o nome das mulheres, mas sim a identificação das mesmas como um coletivo, uma só voz, cada resposta usada será identificada como Mulher Negra.

Além disso, é possível perceber que a construção identitária se dá na mistura — entre norma culta e oralidade, entre o português formal e o "português da quebrada", entre o saber acadêmico e o saber popular. Essa fusão linguística, longe de ser vista como erro, é celebrada pelas participantes como afirmação da própria trajetória. Assim como as participantes do sarau, relataram no questionário:

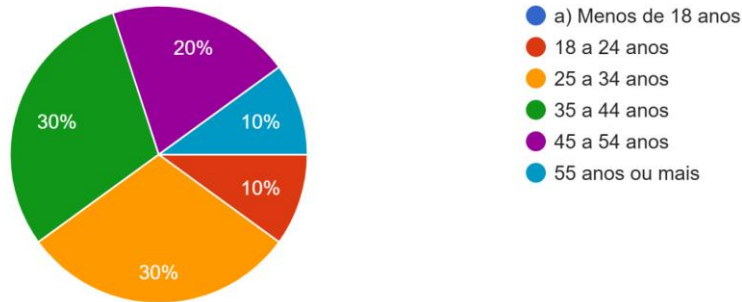
É uma voz que tem muito a dizer, mas os espaços sempre tentam calar. Ver a cultura do mundo sem a participação da mulher negra é ver as coisas totalmente incompleta” (Mulher Negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

Com certeza, o sarau é resistência. Toda vez que uma mulher negra sobe no palco e recita sua própria história, ela está rompendo com séculos de silenciamento. Estão acostumados a falar sobre nós, mas aqui, nós falamos por nós mesmas. Isso é poder. A literatura combate estereótipos ao mostrar que não somos uma coisa só. Quando escrevemos, revelamos a complexidade das nossas vivências: somos fortes e vulneráveis, amamos, sentimos medo, temos sonhos e frustrações. Isso desconstrói a visão rasa e limitada que a sociedade impõe sobre nós. A palavra é uma arma, e no sarau, usamos essa arma para reescrever nossa própria narrativa. (Mulher Negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

A etapa analítica desta pesquisa baseou-se na escuta de dez mulheres negras frequentadoras do Sarau Negras no Poder, por meio de um questionário composto por perguntas abertas. As participantes têm entre 18 e mais de 55 anos, com maior concentração entre 25 e 44 anos. Suas vozes, reunidas de forma plural e afetiva, permitem compreender como a vivência literária e oral nesses encontros contribui para a construção de identidade, o fortalecimento da memória coletiva e a legitimação da linguagem negra e periférica como expressão estética e política. Assim, como a pesquisa mostra:

Gráfico 1 - Idade média das participantes do Sarau

Faixa etária  
10 respostas



Fonte: Própria (2025)

As respostas foram agrupadas por eixos temáticos que emergiram de forma recorrente nos depoimentos. A análise foi conduzida com foco nos sentidos produzidos pelas falas, valorizando suas experiências e compreendendo a literatura não apenas como produção textual, mas como prática social transformadora.

A maioria das participantes revelou compreender sua linguagem como uma extensão direta de sua identidade. As falas apontam que a forma de se expressar carrega histórias, pertencimentos e afetos. Algumas mulheres relataram conflitos vividos em espaços institucionais, onde sentem que precisam “adequar” sua fala para serem levadas a sério. No entanto, ao se referirem ao sarau, elas revelam um sentimento de alívio e libertação: é o único espaço em que podem falar como são, sem serem interrompidas, corrigidas ou invisibilizadas.

Assim como afirmam, as vozes negras do sarau *Negras no Poder*:

O sarau "*Negras no Poder*" é uma forma poderosa de resistência cultural. Ele cria um espaço onde a arte negra é valorizada, onde podemos contar nossas próprias histórias sem filtros ou censuras. A existência desse espaço, por si só, já desafia a lógica racista que tenta nos silenciar. Cada poema, cada discurso e cada apresentação são atos de afirmação e enfrentamento, resgatando narrativas que historicamente foram apagadas. A literatura tem um papel fundamental no combate aos estereótipos e preconceitos porque permite que as pessoas conheçam realidades diversas e humanizem aquilo que muitas vezes é reduzido a rótulos. Quando escrevemos sobre nossas

experiências, mostramos que ser uma mulher negra vai muito além das imagens estigmatizadas que a sociedade impõe. Através da poesia e da literatura, desconstruímos ideias racistas, celebramos nossa identidade e criamos novas referências para as próximas gerações (Mulher negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

A liberdade da oralidade, impacta diretamente na criação das memórias, construção e reafirmação das diferentes vozes (diálogos, dialetos, gírias):

Nossa sociedade é machista, racista e classista, com isso mulheres negras são marginalizadas, além de serem estereotipadas. Quando acontece o sarau é uma reunião de mulheres negras dizendo que elas existem, umas se enxergando nas outras, uma apoiando a outra e compartilhando seus pensamentos por meio de música, arte e literatura. Infelizmente não acredito que em sociedade isso ajude diretamente a combater estereótipos e preconceitos; porém internamente sim, pois a construção desses estereótipos pode vir a ser descontraída da mentalidade das mulheres que lá estão, e isso muda a forma como elas se sentem em sociedade.” (Mulher negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

A linguagem surge, então, como território de resistência e afirmação. Expressões como “minha voz tem valor”, “meu jeito de falar importa” e “minha fala carrega a quebrada e a ancestralidade” revelam um entendimento coletivo de que a linguagem é herança, mas também escolha, uma forma de marcar posição no mundo. O sarau permite que essa fala seja ouvida, reconhecida e celebrada.

A oralidade foi destacada como um dos elementos mais potentes do sarau. As participantes descreveram as performances poéticas como experiências profundas de escuta e identificação, isso ressoa neste momento.

A palavra falada, ritmada, cantada ou sussurrada carrega consigo a energia das casas, das ruas, das avós e das histórias que não estão nos livros, mas que se mantêm vivas na voz de quem narra.

A oralidade, longe de ser entendida como “falta de norma”, é ressignificada como linguagem da resistência. Para muitos, o sarau é o único espaço onde sua maneira de falar é compreendida como estética, onde a musicalidade da fala é arte, e onde a emoção não precisa ser contida para caber na formalidade. Esse

reconhecimento da oralidade como patrimônio e como direito rompe com lógicas tradicionais da literatura, abrindo espaço para uma poética viva, popular e negra, que atua como arquivo falado da experiência coletiva. Como defende Antônio Candido (2004, p. 186), “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.”

Essa perspectiva amplia a legitimidade da oralidade como expressão estética e direito inalienável, especialmente em contextos periféricos, onde o acesso à literatura escrita é frequentemente negado. Ao reconhecer a fala poética do sarau como forma de literatura, afirma-se não apenas o direito à expressão, mas também o direito de existir com dignidade simbólica. A palavra falada, nesses espaços, não apenas comunica, mas transforma, cura e empodera, reafirmando a identidade coletiva de quem historicamente foi silenciado.

Grande parte das participantes relatou utilizar, em seus poemas, textos e falas o que chamam de um “português híbrido”: uma fusão entre a oralidade periférica, o vocabulário popular, expressões afro-diaspóricas e, em alguns casos, a norma padrão. Essa mescla é feita de forma consciente e política. Para elas, escrever e falar desse modo é uma escolha que reafirma suas origens e desafia os modelos de linguagem impostos pela branquitude e pela elite acadêmica, pode-se analisar, em um recorte, onde uma das participantes, confronta o seu eu:

Infelizmente boa parte da minha vida me senti no não lugar, não ser negra o suficiente por conta de como eu cresci e dos meus acessos, apesar de ser retinta. E com toda certeza não sou branca. É complicado não ser totalmente compreendida por nenhum dos lados. Porém a terapia tem me ajudado muito e no final das contas sou eu que preciso me compreender, me aceitar e me amar. (Mulher Negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

O trecho destacado ilustra a complexa relação entre linguagem, identidade e poder, evidenciando como a fala e a escrita são instrumentos políticos de autoafirmação e desconstrução de normas hegemônicas. A participante, ao relatar sua experiência de “não lugar” — nem totalmente assimilada pela branquitude, nem

plenamente reconhecida em espaços negros —, revela como a linguagem opera não apenas como meio de comunicação, mas como campo de disputa e negociação de pertencimento.

Sua fala, marcada por uma mescla consciente de registros (do coloquial ao reflexivo), desafia a rigidez dos padrões linguísticos impostos pela elite acadêmica, que historicamente marginaliza variedades não hegemônicas. Ao mesmo tempo, expõe a tensão vivida por muitos falantes racializados: a pressão para adequar-se a um "português legítimo" (associado à branquitude) e o desejo de preservar traços linguísticos vinculados a suas origens.

A terapia, mencionada como ferramenta de autoconhecimento, simboliza também um processo de ressignificação da própria voz. Ao afirmar "sou eu que preciso me compreender", a participante rejeita a ideia de que sua identidade (e, por extensão, sua linguagem) deve ser validada por sistemas externos. Essa postura ecoa as teorias de Bell Hooks (1994, p.84) sobre a linguagem como ato de resistência: falar-se em primeira pessoa, com todas as contradições, é um modo de subverter a colonialidade do saber.

Muitas relataram que no sarau podem finalmente dizer o que sentem “do jeito que sentem”, sem medo de julgamento gramatical. Gírias, ditados, palavras inventadas e construções fora da norma padrão não são corrigidas — são escutadas e compreendidas como marcas legítimas da cultura que vivem e representam. Esse reconhecimento das diversas formas de falar e escrever transforma o sarau em um território pedagógico: um espaço onde se aprende que há beleza e força no “português da quebrada”, e que todas as formas de linguagem têm valor literário e político.

A literatura, para as participantes, não é apenas um objeto de estudo ou consumo estético: ela é remédio, ferida exposta, celebração e denúncia. As respostas revelam que a experiência de ouvir ou recitar poesia no sarau provoca identificação profunda, muitas vezes emocional. Algumas das participantes mencionaram que só naquele espaço se viram representadas por inteiro, ao ouvirem alguém contar uma história semelhante à sua:

Minha linguagem é resultado da minha identidade e do meio onde cresci. Na academia, muitas vezes sou levada a adaptar minha forma de falar para ser levada a sério, porque ainda existe uma visão elitista da linguagem. Mas eu me recuso a abandonar minha forma de expressão, porque ela carrega história, cultura e resistência. No sarau, diferente de outros espaços, sinto que minha fala é recebida sem julgamento. Aqui, posso misturar teoria com vivência, formalidade com oralidade, sem medo de ser silenciada ou questionada. Isso é libertador. A linguagem no sarau não é só comunicação, é um ato político (Mulher Negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

Essa identificação produz pertencimento, e esse pertencimento, por sua vez, fortalece a autoestima, a consciência racial e a vontade de resistir. A literatura recitada no sarau não esconde a dor — mas também não se resume a ela. Ela é múltipla: fala de amor, de fé, de cotidiano, de corpo, de desejo e de luta. Esse processo de escuta e fala transforma a literatura em ferramenta de reconstrução coletiva. Quando mulheres negras escrevem e compartilham suas vivências em comunidade, elas rompem com o silenciamento histórico e se reconhecem como protagonistas de suas próprias narrativas.

As autoras mais citadas pelas participantes foram Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Sueli Carneiro, Mel Duarte, Elisa Lucinda, Djamila Ribeiro, entre outras. Essas mulheres são referenciadas como fontes de inspiração, espelhos de luta e modelos de construção identitária.

Ler essas autoras é, para as participantes, mais do que admirar um texto: é reconhecer que sua própria história também merece ser escrita. Muitas afirmaram que só começaram a escrever depois de lerem mulheres negras, e que foi ao ouvir outra mulher preta falando sobre sua dor que perceberam que sua voz também importava:

A primeira autora negra que me impactou foi Carolina Maria de Jesus. Quando li Quarto de Despejo, entendi que nossa escrita pode ser crua, direta e, ainda assim, carregada de poesia. Carolina escreveu sem pedir licença, e isso me inspira a fazer o mesmo. Conceição Evaristo também é uma referência forte para mim, me lembra que nossas histórias precisam ser contadas por nós mesmas. Além delas, leio muito Audre Lorde e Bell Hooks, que me ajudam a pensar o feminismo negro de uma forma prática, conectada ao dia a dia. Elas me ensinaram que minha raiva é legítima, que minha voz tem valor e que minha escrita pode ser um espaço de cura e luta ao mesmo tempo. Todas essas mulheres me fazem lembrar que ser negra e escrever é um ato político — e eu quero continuar ocupando esse espaço. (Mulher Negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

Essas referências criam uma linhagem simbólica entre gerações de mulheres negras, nas quais a escrita é passada adiante como herança. A literatura produzida por essas autoras não é um ponto de chegada, mas um impulso para que novas vozes surjam — e o sarau, nesse sentido, é o espaço onde esse legado continua vivo.

Muitas mulheres negras moldaram minha escrita e minha visão de mundo. Conceição Evaristo me ensinou que nossa escrita carrega nossas vivências, que memória e literatura andam juntas. Suas palavras me mostraram que minhas histórias têm valor, que minha ancestralidade se reflete na minha escrita. Bell Hooks e Audre Lorde me fizeram entender a importância do feminismo negro, do autocuidado como resistência, da luta coletiva. Sueli Carneiro me ensinou sobre identidade, sobre não aceitar menos do que merecemos. E eu não posso esquecer Mel Duarte, porque quando vi uma mulher negra jovem declamando poesia e sendo reconhecida, percebi que esse espaço também era pra mim. Todas elas, de formas diferentes, me fizeram ver que minha voz importa. E hoje, quando escrevo, sei que faço parte dessa corrente que veio antes e que ainda vai continuar depois de mim (Mulher Negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

A literatura produzida por mulheres negras brasileiras carrega algo que escapa às categorias tradicionais da crítica literária. Ela não se limita ao campo estético ou acadêmico. Trata-se de uma produção enraizada na experiência vivida, no corpo, na oralidade e na coletividade. É uma escrita que reivindica outras formas de saber, rompendo com os modelos eurocêntricos que historicamente determinaram o que se entende por literatura. Nesse sentido, a escrita de Lélia Gonzalez é exemplar. Conforme apontam Rios e Lima (2020), organizadoras da coletânea *Por um feminismo afro-latino-americano*, os textos da autora combinam “latim ao banto, passando pelo que ela chama de ‘pretuguês’, uma espécie de africanização ou criouliização do idioma falado no Brasil”, mostrando que sua produção está ancorada tanto na tradição erudita quanto na sabedoria popular (GONZALEZ, 2020, p. 6).

Essa articulação entre linguagem e vivência revela que a literatura feita por mulheres negras é, também, prática política, gesto de denúncia e (re)existência. Ao incorporar elementos da fala cotidiana e valorizar os saberes das periferias e das ancestralidades, essa literatura amplia os sentidos do estético, reivindicando o direito de narrar a própria história com seus próprios signos.

Ela é voz, corpo, memória e cura. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que as participantes do sarau Negras no Poder não apenas consomem literatura — elas a vivem, a reescrevem, a encarnam em suas próprias experiências.

Essa vivência está profundamente relacionada ao que Conceição Evaristo chama de *escrevivência*: uma escrita que nasce da experiência, que não dissocia o corpo da palavra. Como afirma a autora, "a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos" (EVARISTO, 2020, p. 54).

Ao lado de Evaristo, outras autoras como Carolina Maria de Jesus, Cristiane Sobral, Mel Duarte, Elizandra Souza e Elisa Lucinda aparecem nas falas das participantes como referências que atravessam a vida. Suas obras são recitadas, citadas, memorizadas. Mas, mais do que isso, são vividas. Elas funcionam como espelhos que não deformam, mas devolvem às mulheres negras a imagem de sua dignidade, da sua complexidade e da sua beleza.

A literatura dessas mulheres constrói uma genealogia de resistência, onde escrever é também lembrar, curar, sobreviver. É nesse legado que o sarau se inscreve. Cada verso recitado é um ponto nessa rede ancestral de mulheres que não aceitaram o silêncio como herança.

O sarau, como prática cultural e política, é o espaço onde o verbo se faz corpo, ao falar com as palavras recitadas, intercalando os gestos corporais a poética se complementa e seu entendimento se torna completo. No Sarau Negras no Poder, essa afirmação ganha ainda mais força porque é sustentada pelas vozes de mulheres negras que, historicamente, foram silenciadas em todos os espaços de poder e de fala. O sarau, portanto, não é um simples encontro poético — é um território de disputa simbólica, onde se desconstroem as narrativas hegemônicas impostas e se constroem novos sentidos de existência e pertencimento.

Ao longo deste estudo, ficou evidente que o sarau funciona como prática de (re)existência. (Re)existir, aqui, é mais do que resistir. No sarau, a fala da mulher negra não é corrigida, não é podada — ela é ouvida, aplaudida, sentida. A potência desse espaço está justamente no fato de que a norma ali é a verdade de quem fala.

Essa prática se torna ainda mais significativa quando se pensa no lugar que a língua portuguesa ocupa enquanto instrumento histórico de exclusão. A norma padrão, como é ensinada nas escolas e reforçada nos espaços formais, deslegitima sistematicamente a fala das populações negras e periféricas. Nas salas de aula, na academia e no mercado de trabalho, o português das ruas é tachado como erro, como falta, como ausência.

No entanto, o que este estudo evidencia é que o português falado nas periferias não é ausência de norma — é outra norma, baseada em outros critérios de legitimidade: o afeto, a escuta, a vivência. As participantes da pesquisa deixaram isso claro: elas escrevem como falam, falam como vivem, e vivem com a consciência de que sua linguagem também é cultura, também é poesia.

Marcos Bagno afirma: “Assim, uma raça que não é ‘pura’ não poderia falar uma língua ‘pura’. Não é difícil encontrar intelectuais renomados que lamentem a ‘corrupção’ do português falado no Brasil, língua de ‘matutos’, de ‘caipiras infelizes’.” (BAGNO, 1999, p. 21). Essa observação denuncia como o preconceito linguístico no Brasil está profundamente entrelaçado ao racismo estrutural e às hierarquias sociais herdadas do colonialismo. A desvalorização das formas populares de falar não se restringe à gramática ou ao vocabulário, mas revela um julgamento sobre os próprios falantes — suas origens, suas culturas e sua legitimidade como sujeitos sociais. Ao expor esse mecanismo de exclusão, Bagno convida à reflexão crítica sobre o papel da escola, da mídia e das elites intelectuais na perpetuação de uma norma linguística “pura” que nunca existiu, e cuja imposição reforça desigualdades históricas.

O sarau, nesse sentido, cumpre um papel que a escola muitas vezes se recusa a cumprir: o de valorizar as múltiplas formas de expressão da língua portuguesa, reconhecendo a riqueza da oralidade negra e periférica. É nesse ambiente que se cria um letramento afetivo e crítico. Enquanto a educação formal frequentemente reforça um padrão linguístico único — muitas vezes associado a elites brancas e urbanas —, o sarau celebra a linguagem como prática viva, marcada por sotaques, gírias, ritmos e histórias que a gramática normativa insiste em apagar. Ali, a fala não é corrigida, mas sim ouvida em sua potência política e afetiva, especificamente no Sarau Negras no Poder, a fala é respeitada, aplaudida, estando ou não em consonância com a língua portuguesa.

Dentro do Sarau Negras no Poder, a oralidade negra e periférica não é tratada como "erro" ou "desvio", mas como expressão legítima de identidades que resistem à assimilação. A linguagem, assim, transforma-se em ferramenta de autoafirmação e denúncia, permitindo que corpos e vozes historicamente silenciados narrem-se em primeira pessoa. Essa abordagem não apenas humaniza o processo de letramento, mas também questiona a própria função social da escola: em vez de reproduzir hierarquias linguísticas, não deveria ela, como o sarau, ser um lugar onde todas as formas de dizer possam existir e ser valorizadas?

Como aponta o estudo de Santos e Joviano (2018), os saraus e clubes literários negros funcionam como “espaços de letramento de reexistência”, porque produzem saberes fora da lógica colonial da língua. Eles recuperam o valor da oralidade como tecnologia ancestral de aprendizagem, de transmissão de conhecimento e de fortalecimento identitário.

Esse movimento também aparece nas falas das participantes da pesquisa, que frequentemente citam como se sentem acolhidas ao verem suas formas de falar e escrever não apenas aceitas, mas celebradas.

Minha identidade é percebida quando vejo algo igual a minha história (que é algo difícil na nossa sociedade). Raramente me expesso linguisticamente, por estar me conhecendo e testando o que sou. No Sarau me sinto livre para escrever, fotografar, cantar, acolher e ser acolhida (Mulher Negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

Palavras cortadas, gírias, entonação, ritmo e musicalidade não são corrigidos no sarau — são reconhecidos como marcas da experiência vivida. O “nóis por nós” que tantas vezes é ridicularizado fora dali, no sarau vira lema, vira poesia, vira identidade.

Assim, o sarau se constitui como uma prática pedagógica não formal, onde o ensino da língua não se dá pela imposição, mas pela experiência. A gramática que rege esse espaço é a do respeito, da escuta, da conexão. E é por isso que ele é tão potente: porque nele as mulheres negras aprendem — e ensinam — que suas vozes não precisam pedir licença para existir.

## 6. Considerações Finais

Este artigo tem como objetivo analisar de que forma a literatura recitada no Sarau Negras no Poder, realizado na periferia da cidade de São Paulo, atua como instrumento de construção identitária e resgate da memória coletiva entre mulheres negras.

Ao longo desta pesquisa, tornou-se evidente que o sarau Negras no Poder não é apenas um espaço de escuta e performance, mas um território simbólico onde a herança literária de mulheres negras brasileiras se manifesta com potência. As autoras citadas e recitadas pelas participantes, e que integram o repertório afetivo do coletivo, não são apenas referências estéticas — são ancestrais intelectuais que pavimentam o caminho para novas formas de existir, de dizer e de se ver.

A presença de Carolina Maria de Jesus, com sua escrita direta, cotidiana e radical, é sentida como força-matriz do sarau. Seu diário, *Quarto de despejo*, revela o Brasil que por tanto tempo foi escondido: o da mulher negra, pobre, mãe solo, que escreve com a dor da fome, mas também com o orgulho de quem nomeia sua realidade com lucidez. A linguagem de Carolina, muitas vezes julgada por não seguir a norma padrão, é uma reafirmação da ideia de que a legitimidade da palavra está na experiência de quem a pronuncia.

Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfação a ninguém. (Jesus, 2014, p. 62).

Do mesmo modo, a poesia de Mel Duarte, marcada pela oralidade urbana e pela performance, é reverberada nas falas das participantes.

A literatura e a poesia são formas de eternizar nossas histórias. Se depender dos livros didáticos, nossa memória será sempre fragmentada, contada de fora, sem nossas vozes. Mas quando nós escrevemos, registramos o que realmente vivemos, sentimos e aprendemos. Nossa literatura é prova de que existimos e resistimos. Na periferia, a poesia vira um espelho. Quem lê um

poema sobre a quebrada, sobre as dores e alegrias de ser negro nesse país, se reconhece e entende que sua história tem valor. Além disso, a poesia conecta gerações. O que escrevemos hoje pode inspirar alguém daqui a dez, vinte anos. É assim que a memória coletiva se fortalece: com nossas vozes ecoando além do tempo. (Mulher Negra: Sarau Negras no Poder, 2025).

Sua obra *Aviso a quem possa interessar* (2015) ecoa nas vivências de jovens mulheres negras que encontram na literatura um lugar para dizer o que sentem, com o vocabulário que têm, e a cadência que o corpo dita. Mel não apenas escreve sobre resistência — ela resiste no ato de escrever como fala, no ritmo que vem da rua e da vida.

A obra de Cristiane Sobral de forma intrínseca, especialmente o conto "Memórias" presente em sua coletânea *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção* (2011) se alinha. Sobral, com sua escrita, pavimentam um caminho para compreendermos como a oralidade ancestral se manifesta como um pilar essencial para a reexistência da mulher negra, um tema central nos saraus periféricos. Em "Memórias", a narrativa não se limita a contar uma história; ela demonstra como o ato de narrar e o de ouvir se entrelaçam para construir e transmitir saberes, moldando identidades. As vozes das matriarcas no conto de Sobral não guardam meras lembranças, mas articulam ferramentas vivas de enfrentamento e reafirmação do lugar da mulher negra na sociedade. Essa oralidade, que frequentemente é silenciada ou distorcida pela história oficial, é resgatada e valorizada pela autora como um ato político crucial para a preservação da memória e a cura coletiva, tal qual a sabedoria transmitida pela Tia Olga que "dizia que as tranças eram a síntese da transformação da vida". Nesse contexto, a mulher negra, através de sua voz e de suas histórias passadas de geração em geração, assume um poder de agência e transformação que transcende adversidades, ecoando a potência e a resiliência frequentemente celebradas nos saraus das periferias.

Já Elizandra Souza, em sua entrevista com Caio Souto, pela plataforma do Youtube (2025), expõe como a sua oralidade e escrita, mistura fé, cotidiano, espiritualidade, samba, rua e ancestralidade com uma linguagem que não pede permissão. Sua escrita é marcada por uma oralidade lírica, que pulsa entre a denúncia e a bênção. Ela é também parte da cena de saraus periféricos e sua obra conversa

diretamente com a prática do coletivo Negras no Poder. Seus poemas não apenas narram a experiência negra feminina — eles convocam à ação, ao cuidado, ao levante.

Essas autoras, presentes na formação cultural e afetiva das mulheres do coletivo, são lidas, lembradas e recitadas como quem invoca uma linhagem. A palavra, nesse contexto, é uma herança viva. Ela não repousa nos livros ou nos arquivos, mas circula nas vozes, nos palcos improvisados, nas rodas de escuta, nas lágrimas que escorrem após um poema que parece ter sido escrito com a alma de quem o ouve.

O sarau, portanto, não apenas acolhe essas vozes — ele continua essas vozes. Cada participante que recita seu próprio texto ou interpreta o de outra mulher negra, se insere nessa cadeia de escrevências, onde a oralidade é celebração, protesto, memória e identidade.

A influência dessas autoras, mais do que literária, é existencial. Elas autorizam, legitimam e inspiram. E ao serem retomadas dentro do sarau, deixam de ser apenas nomes de referência para se tornarem presenças que falam junto, que abrem caminho, que sustentam a travessia de outras mulheres negras que também escrevem para existir.

## Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169–191.

DUARTE, Mel. **Aviso a quem possa interessar**. São Paulo: Ibeac, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Belo Horizonte: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-57.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2015.

SOUZA, Elizandra. **Águas da cabaça**. São Paulo: Editora Mulheres, 2012.

SANTOS, Merilyn Ricieli dos; JOVIANO, Ione da Silva. **Sociabilidades negras entre a diversão e os letramentos**: um clube literário e recreativo nos Campos Gerais (PR). Revista da ABPN, v. 10, ed. esp., p. 164–183, jan. 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn/article/view/831>. Acesso em: abr. 2025.

SOBRAL, Cristiane. **Textos selecionados**. [S. l.: s. n.], [entre 2005 e 2024]. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/CristianeSobraltextosselecionados.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025.

SOUTO, Caio. **Literatura negra feminina – Live com Elizandra Souza**. [S.l.]: YouTube, fev. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ar21fIVj7qo?si=98BUtRe2dijrHsQy>. Acesso em: 25 maio 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

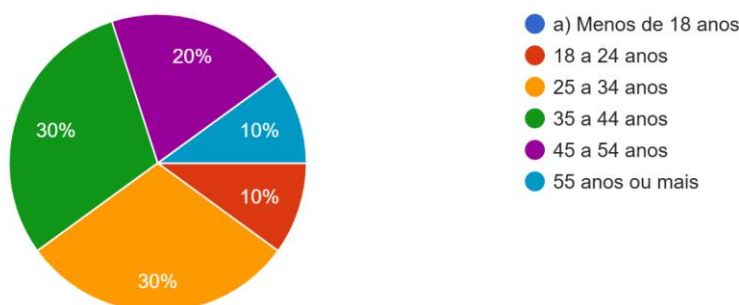
ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2010

## ANEXO - I Questionário

### UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E MEMÓRIA COLETIVA DA POPULAÇÃO NEGRA EM UM SARAU DA PERIFERIA DE SÃO PAULO

#### 1) Faixa etária

Faixa etária  
10 respostas



2) **Identidade e Linguagem:** Como você percebe a relação entre a sua identidade e a forma como você se expressa linguisticamente? Você sente que a sua linguagem é valorizada no espaço do sarau?

A minha identidade está intrinsecamente ligada à minha forma de me expressar linguisticamente. Como mulher negra, periférica e professora, carrego na minha fala as marcas da minha trajetória, das ruas que percorri, das histórias que escutei e contei, das resistências que vivi. Minha linguagem é um misto de oralidade e escrita, de saber acadêmico e saber popular, de vivências e de teoria. Eu transito entre diferentes registros, mas sempre com um compromisso: me fazer entender sem me apagar. No Sarau Negras no Poder, sinto que minha linguagem é não apenas valorizada, mas também celebrada. Ali, a oralidade tem força, tem ritmo, tem história. As palavras ganham corpo, se movem, se fazem vivas na voz de quem fala e no olhar de quem escuta. No sarau, o que em outros espaços pode ser visto como erro ou inadequação é, na verdade, potência. Minha fala, meu sotaque, minhas gírias, minhas pausas – tudo isso faz parte de quem eu sou e de como me coloco no mundo.

1 resposta

Minha identidade está diretamente conectada à minha linguagem. Como mulher negra, carrego na fala, na escrita e na oralidade marcas da minha ancestralidade e da minha vivência. Minha poesia é atravessada pela experiência de ser uma mulher preta em um país racista, e isso reflete na escolha das palavras, no ritmo dos versos e na maneira como me comunico. Uso a linguagem como resistência, como afirmação e como meio de contar histórias que, muitas vezes, são silenciadas. E Sim, no sarau Negras no Poder, sinto que minha linguagem é acolhida e reconhecida. Diferente de outros espaços onde a norma culta é imposta como único modelo legítimo, aqui minha forma de expressão é respeitada em sua autenticidade. Posso mesclar oralidade, gírias, referências afro-diaspóricas e acadêmicas sem ser censurada ou deslegitimada. É um ambiente onde a minha voz tem potência e onde as múltiplas formas de expressão da mulher negra são celebradas.

1 resposta

Minha identidade e minha linguagem são inseparáveis. Cresci ouvindo minha mãe e minhas tias conversando com um ritmo próprio, cheio de ditados, gírias e entonações que só quem é de quebrada entende. Quando comecei a escrever poesia, percebi que minha voz estava ali, que não fazia sentido tentar encaixá-la em um formato que não era meu. No sarau, minha linguagem é não só aceita, mas celebrada. Aqui, ninguém me pede para 'falar direito', ninguém questiona minha forma de me expressar. Pelo contrário, há reconhecimento, há troca. O que eu digo ressoa porque vem de um lugar verdadeiro. Esse espaço me lembra que minha palavra tem valor, que minha vivência importa e que literatura não precisa ser engessada para ser legítima.

1 resposta

Minha linguagem é resultado da minha identidade e do meio onde cresci. Na academia, muitas vezes sou levada a adaptar minha forma de falar para ser levada a sério, porque ainda existe uma visão elitista da linguagem. Mas eu me recuso a abandonar minha forma de expressão, porque ela carrega história, cultura e resistência. No sarau, diferente de outros espaços, sinto que minha fala é recebida sem julgamento. Aqui, posso misturar teoria com vivência, formalidade com oralidade, sem medo de ser silenciada ou questionada. Isso é libertador. A linguagem no sarau não é só comunicação, é um ato político.

1 resposta

Hummm, acho que não vejo muita diferença, aliás essa foi a pergunta que eu tive mais dificuldade de responder. Sobre a segunda parte, não tenho tanta certeza se é valorizada... infelizmente boa parte da minha vida me senti no não lugar, não ser negra o suficiente por conta de como eu cresci e dos meus acessos, apesar de ser retinta. E com toda certeza não sou branca. É complicada não ser totalmente compreendida por nenhum dos lados. Porém a terapia tem me ajudado muito e no final das contas sou eu que preciso me compreender, me aceitar e me amar.

1 resposta

No espaço do sarau, a minha linguagem é valorizada porque ela é reconhecida como legítima. É uma forma de dizer: minha voz importa, minha forma de falar importa. Ali, eu não sou interrompida, nem silenciada. Ao contrário — sou ouvida com respeito, com atenção, com afeto. É um espaço onde a palavra tem peso, tem corpo, tem alma. A linguagem no sarau é uma extensão da nossa luta e da nossa beleza. E isso fortalece minha identidade.

1 resposta

Minha identidade é percebida quando vejo algo igual a minha história ( que é algo difícil na nossa sociedade) . Raramente me expresso linguisticamente, por estar me conhecendo e testando o que sou. No Sarau me sinto livre para escrever, fotografar, cantar, acolher e ser acolhida.

1 resposta

Sim, no sarau eu te ho voz e quem me escuta .

1 resposta

Sim, ao menos nos que participei

1 resposta

Sim.

3) **Memória Coletiva:** De que maneira você acredita que a literatura e a poesia podem contribuir para a construção da memória coletiva da população negra na periferia de São Paulo?

Na periferia, onde muitas das nossas histórias foram silenciadas ou distorcidas, a literatura e a poesia se tornam espaços de resistência. Elas dão voz às experiências vividas, aos desafios enfrentados e, principalmente, às potências que existem dentro das comunidades negras. Quando alguém lê um poema que fala sobre sua realidade, sobre sua ancestralidade, sobre suas dores e alegrias, se reconhece e se fortalece. Isso cria um sentimento de pertencimento e continuidade, ajudando a manter vivas as memórias das gerações passadas e a construir um legado para as futuras. Os saraus periféricos, como o Negras no Poder, são exemplos claros desse processo. Eles não apenas preservam histórias, mas também estimulam a criação de novas narrativas, possibilitando que jovens e adultos se vejam como sujeitos históricos. A literatura e a poesia nos permitem registrar o que fomos, o que somos e o que queremos ser, garantindo que a nossa memória coletiva não se perca, mas se fortaleça e inspire novas lutas e conquistas.

1 resposta

A literatura e a poesia são ferramentas poderosas para resgatar e preservar as histórias da população negra na periferia de São Paulo. Durante muito tempo, nossas narrativas foram apagadas ou distorcidas, e a escrita nos permite registrar nossas vivências a partir da nossa própria perspectiva. Através da poesia, conseguimos contar histórias que muitas vezes não chegam aos livros didáticos, trazendo à tona vozes que foram silenciadas. Além disso, a literatura cria um senso de pertencimento e identidade. Quando uma jovem negra da periferia lê um poema ou um conto que reflete sua realidade, ela se vê representada, se reconhece e entende que sua história tem valor. Isso fortalece a autoestima e inspira novas gerações a contarem suas próprias trajetórias. O sarau é um espaço essencial para essa troca, onde memórias individuais se conectam e se transformam em uma memória coletiva, fortalecendo nossa identidade e resistência.

1 resposta

A literatura e a poesia são formas de registrar o que a história oficial tenta apagar. Quando escrevemos sobre nossas vivências, dores, alegrias e resistências, estamos construindo um arquivo vivo da nossa existência. A memória coletiva da população negra na periferia não pode depender apenas do que é contado por quem nunca viveu essa realidade — precisamos ser as narradoras das nossas próprias histórias. A poesia, principalmente, tem o poder de transformar experiências individuais em algo coletivo. O que eu escrevo pode ecoar na vida de outra pessoa e, assim, vamos conectando nossas trajetórias. Além disso, a literatura nos tira do lugar de objeto e nos coloca como sujeitos da narrativa, mostrando que nossa cultura, nossa língua e nossas formas de contar histórias são legítimas e fundamentais para entender o Brasil de verdade.

1 resposta

A literatura e a poesia são formas de eternizar nossas histórias. Se depender dos livros didáticos, nossa memória será sempre fragmentada, contada de fora, sem nossas vozes. Mas quando nós escrevemos, registramos o que realmente vivemos, sentimos e aprendemos. Nossa literatura é prova de que existimos e resistimos. Na periferia, a poesia vira um espelho. Quem lê um poema sobre a quebrada, sobre as dores e alegrias de ser negro nesse país, se reconhece e entende que sua história tem valor. Além disso, a poesia conecta gerações. O que escrevemos hoje pode inspirar alguém daqui a dez, vinte anos. É assim que a memória coletiva se fortalece: com nossas vozes ecoando além do tempo.

1 resposta

A literatura e a poesia são ferramentas poderosas de resistência, denúncia e valorização da nossa história. Na periferia, onde muitas vezes somos silenciados ou invisibilizados, essas formas de expressão nos permitem contar nossas próprias narrativas, com a nossa voz, no nosso tempo, do nosso jeito. Através da palavra escrita ou falada, registramos dores, lutas, conquistas e alegrias que não costumam estar nos livros oficiais. A poesia preta periférica resgata saberes ancestrais, denuncia o racismo cotidiano, e ao mesmo tempo celebra a beleza da nossa existência. Ela mostra que nossa vivência é válida, que nossa trajetória importa.

1 resposta

De forma total, quando o rap surge nas décadas de 80/90 na cidade de São Paulo, ele foi uma ferramenta que a periferia encontrou de falar de suas mazelas. A forma tida como tradicional de literatura parece distante da população negra periférica, contudo, o slam e os saraus são formas de poesia acessíveis e que geram aquilombamento por unir sentimentos e sensações coletivas da memória coletiva do grupo que ali está. Assim fica sendo historicizada por meio da oralidade ou mesmo vídeo e quem sabe até por escrito o que se passa com aquele grupo.

1 resposta

Deixando registrado através dos sentimentos lembranças de aprendizado vivenciado .uso a linguagem cotidiana ,do dia a dia ,a forma de comunicação do povo preto ,da oralidade ,onde todos podem entender ,a linguagem construída pela vivência das histórias ouvidas durante a vida .

1 resposta

A literatura e poesia nos conecta com nosso passado, nos faz sentir através da nossa tristeza e também da nossa alegria. Quando a gente entende que algumas questões são coletivas podemos nos unir para crescer e melhorar o que for preciso

1 resposta

Através da expressão de cada uma, de sua verdade, da ação da fala e registro do que se fala ou expressão do que se sente e como se sente.

1 resposta

Acredito que essas artes podem transformar vidas a todo tempo

1 resposta

4) **Variedades linguísticas:** Quais variedades linguísticas você utiliza em seus poemas ou textos? Como você acha que essas variedades refletem a sua cultura e a sua vivência?

Nos meus poemas e textos, utilizo uma mistura de variedades linguísticas, incluindo o português padrão, a oralidade periférica e expressões afro-diaspóricas. Eu transito entre a norma culta e a linguagem coloquial porque acredito que ambas carregam potência e significado. Muitas vezes, incorporo gírias, ritmos e estruturas típicas da

quebrada, pois fazem parte do meu cotidiano e dão autenticidade à minha escrita. Também trago referências do samba, do rap e das rezas antigas que ouvi da minha avó. Essas escolhas linguísticas refletem minha cultura e minha vivência de várias formas. Elas mostram minha conexão com a periferia, minha ancestralidade e a resistência da população negra através da palavra. A linguagem que uso nos meus poemas é a mesma que escuto nas ruas, nos encontros com minha família, nas conversas com outras mulheres negras. Para mim, escrever é manter viva essa identidade, mostrando que nossa forma de falar e se expressar tem valor e beleza.

1 resposta

Uso a oralidade da periferia, com suas gírias, expressões e musicalidade própria, mas também incorporo o português mais formal, principalmente quando quero dialogar com outros espaços que, historicamente, nos negaram acesso. Essa mistura não é um acaso, é uma escolha consciente: quero que minhas palavras sejam compreendidas por quem veio antes de mim, por quem caminha ao meu lado e por quem ainda virá. A linguagem da quebrada está muito presente na minha escrita porque é nela que minha identidade se fortalece. O jeito de falar do meu povo carrega história, afeto e resistência. Quando escrevo "nóis por nóis", "tá ligado?", "se pá", não é só uma forma de expressão, é um registro de pertencimento, uma reafirmação de que a linguagem da periferia também é cultura, também é poesia.

1 resposta

Minha escrita é um reflexo das ruas onde cresci, das leituras que me formaram e das batalhas que enfrento. Misturo a oralidade da quebrada com referências acadêmicas, porque transito entre esses dois mundos. Às vezes, um verso meu pode ter uma citação de Angela Davis ao lado de uma gíria que só quem é da periferia entende. Para mim, isso não é erro, é identidade. Essa mistura mostra que conhecimento não é exclusivo de um grupo social. A fala da minha avó, os raps que escutei na adolescência, os textos teóricos que li na universidade — tudo isso me forma e se reflete na minha linguagem. Quando escrevo, quero que minha palavra carregue essa trajetória e que outras pessoas negras se vejam nela.

1 resposta

Minha escrita mistura tudo que me forma: o jeito solto da oralidade periférica, as referências da literatura clássica, o peso do rap e a cadência do samba. Nos meus poemas, tem gíria, tem ritmo, tem palavra cortada no meio porque é assim que a gente fala na rua. Mas também tem intertexto com os livros que li, com as aulas que dou, com as experiências que carrego. Essa mistura é minha identidade. Ela mostra que a gente não precisa escolher entre um português 'certo' e um 'errado' — porque essa divisão só existe pra excluir. Minha linguagem reflete minha cultura porque é viva, dinâmica, cheia de voz. E, acima de tudo, ela não pede permissão.

1 resposta

Poxa, uso muito a primeira pessoa, falo das minhas dores e das minhas alegrias, coloco no papel as coisas que não entendo. Sei que as vezes invento palavras. Gosto de abreviar coisas como pra e não para, deixando mais íntimo. Na verdade elas vão contra, porque o meu ambiente acaba sendo o corporativo e o acadêmico em que o rigor do "português" é a regra.

1 resposta

Não escrevo poemas, mais gosto de leituras que me levem para o meu cotidiano, a linguagem que me atravessa no dia a dia: o português falado na quebrada, cheio de gírias, expressões populares, ritmo e musicalidade que refletem minha vivência como mulher negra periférica.

1 resposta

Regional, social e principalmente situacional. Refletem através da igualdade de outras histórias, da identidade do que cada uma vivenciou e o ambiente que trouxe tudo à tona, alegrias ou tristezas, mas com certeza, verdades.

1 resposta

Não uso variedade. Sim, acho que essas atividades são muito potentes para fortalecer a unidade a central de nossa história e cultura preta.

1 resposta

A linguagem do dia a dia, direta e sem rodeios é o que mais me anima a ler textos ou poemas

1 resposta

Yorubá é Bantu. Que faz mais perto da minha identidade

1 resposta

**5) Literatura como Resistência:** Você acredita que a prática do sarau do Negras do Poder é uma forma de resistência cultural? De que maneira a literatura pode ajudar a combater estereótipos e preconceitos?

Sim, o sarau "Negras no Poder" é uma forma poderosa de resistência cultural. Ele cria um espaço onde a arte negra é valorizada, onde podemos contar nossas próprias histórias sem filtros ou censuras. A existência desse espaço, por si só, já desafia a lógica racista que tenta nos silenciar. Cada poema, cada discurso e cada apresentação são atos de afirmação e enfrentamento, resgatando narrativas que historicamente foram apagadas. A literatura tem um papel fundamental no combate aos estereótipos e preconceitos porque permite que as pessoas conheçam realidades diversas e humanizem aquilo que muitas vezes é reduzido a rótulos. Quando escrevemos sobre nossas experiências, mostramos que ser uma mulher negra vai muito além das imagens estigmatizadas que a sociedade impõe. Através da poesia e da literatura, desconstruímos ideias racistas, celebramos nossa identidade e criamos novas referências para as próximas gerações.

1 resposta

Sem dúvida, o sarau Negras no Poder é uma forma de resistência cultural. Ele rompe com a lógica de que só determinados espaços podem produzir cultura legítima. Aqui, nós, mulheres negras, somos as protagonistas, contando nossas histórias do nosso jeito, sem precisar de validação externa. Isso é resistência porque desafia séculos de silenciamento e invisibilização. A literatura combate estereótipos ao apresentar narrativas diversas sobre o que significa ser uma mulher negra. Quando escrevemos sobre nossos amores, medos, ancestralidade e futuro, mostramos que não somos apenas a imagem da dor ou da luta — somos múltiplas. Cada poema e cada conto que nasce nesse sarau é um passo na desconstrução de uma visão limitada e racista sobre nós. A palavra tem poder, e nós a usamos para ressignificar nossa existência.

1 resposta

Sim, acredito que o sarau Negras no Poder é uma forma poderosa de resistência cultural. Ele é um espaço onde nossas vozes ecoam sem censura, onde a nossa história é contada por nós mesmos, sem filtros ou distorções. Num país que historicamente silencia e marginaliza a população negra, criar, recitar e compartilhar poesia e literatura dentro da periferia é um ato de enfrentamento, de construção de identidade e de preservação da nossa memória coletiva. A literatura tem a capacidade de desconstruir estereótipos porque apresenta a diversidade das nossas experiências. Quando escrevemos sobre nossas dores, nossos amores, nossas alegrias e lutas, mostramos que não somos apenas as imagens estigmatizadas que a sociedade impõe. Somos múltiplos, somos complexos, somos protagonistas das nossas histórias.

1 resposta

Com toda certeza. Nossa sociedade é machista, racista e classista, com isso mulheres negras são marginalizadas, além de serem estereotipadas. Quando acontece o sarau é uma reunião de mulheres negras dizendo que elas existem, umas se enxergando nas outras, uma apoiando a outra e compartilhando seus pensamentos por meio de música, arte e literatura. Infelizmente não acredito que em sociedade isso ajude diretamente a combater estereótipos e preconceitos; porém internamente sim, pois a construção desses estereótipos pode vir a ser descontraída da mentalidade das mulheres que lá estão, e isso muda a forma como elas se sentem em sociedade.

1 resposta

Com certeza, o sarau é resistência. Toda vez que uma mulher negra sobe no palco e recita sua própria história, ela está rompendo com séculos de silenciamento. Estão acostumados a falar sobre nós, mas aqui, nós falamos por nós mesmas. Isso é poder. A literatura combate estereótipos ao mostrar que não somos uma coisa só. Quando escrevemos, revelamos a complexidade das nossas vivências: somos fortes e vulneráveis, amamos, sentimos medo, temos sonhos e frustrações. Isso desconstrói a visão rasa e limitada que a sociedade impõe sobre nós. A palavra é uma arma, e no sarau, usamos essa arma para reescrever nossa própria narrativa.

1 resposta

Com certeza, uma linda forma de questionar e registrar os sentimentos e falas de todas na atualidade e levar, documentar para futuras mulheres Negras. A palavra abre portais que aos poucos vamos entendendo e nos apropriando do conhecimento passado por nossos ancestrais. A riqueza de sentimento e formas variadas de cores, tecidos, paladares únicos, sons que nos atraem a mexer nossos corpos, cheios de traumas, que se revelam a cada passo dado e assim nos curamos e nos fortalecemos e principalmente transformamos em Alegria constante, que outras culturas não entenderiam, só vivenciando.

1 resposta

Sim, eu acredito profundamente que o sarau Negras do Poder é uma forma de resistência cultural. É resistência porque ele rompe com a lógica do silêncio imposto às mulheres negras. É resistência porque ele cria um espaço onde a nossa estética, a nossa fala, o nosso corpo, a nossa dor e o nosso amor são legitimados — não como exceção, mas como centro.

1 resposta

Sim, a conexão que criamos é os diálogos que temos ao longo do Sarau é super potente. A forma como a poesia e a música toca nosso íntimo nos dá força e faz refletir pontos que o dia a dia faz a gente deixar de lado

1 resposta

Da melhor maneira. O conhecimento é a cultura tem o poder de libertar

1 resposta

Sim.

1 resposta

6) **Inclusão e Representatividade:** Como você vê a importância de ter vozes femininas negras diversas no sarau? De que forma isso pode impactar a percepção da literatura e da língua na sociedade?

Ter vozes femininas negras diversas no sarau é fundamental porque somos muitas e nossas histórias não são únicas nem homogêneas. Cada mulher que sobe ao palco traz consigo uma vivência, uma perspectiva, um jeito de falar e de sentir o mundo. Isso quebra a ideia de que há uma única narrativa sobre a mulher negra. Somos mães, filhas, trabalhadoras, estudantes, artistas, militantes – e cada uma de nós carrega uma forma própria de existir e se expressar. Quando ocupamos esse espaço, mostramos que a literatura não precisa seguir um padrão eurocêntrico e elitista para ser legítima. Nossa escrita, carregada de oralidade, de ritmos periféricos, de referências culturais que vêm do samba, do rap, do funk, do candomblé, do cotidiano da quebrada, também é literatura. E isso transforma a percepção da sociedade sobre o que é língua, sobre o que é arte e sobre quem tem o direito de contar histórias.

1 resposta

Ter vozes femininas negras diversas no sarau é essencial porque mostra que não existe uma única forma de ser mulher negra. Cada uma traz sua vivência, sua forma de se expressar e sua visão de mundo, enriquecendo o espaço com perspectivas múltiplas. Quando há diversidade, rompemos com a ideia limitada e estereotipada que a sociedade tem sobre nós, mostrando que somos plurais, criativas e potentes. Isso impacta diretamente a percepção da literatura e da língua na sociedade, pois desafia o que historicamente foi considerado legítimo ou digno de registro. A presença de mulheres negras escrevendo e declamando reforça que nossas narrativas têm valor e que nossa forma de falar e escrever também é parte da literatura. Aos poucos, essa ocupação vai descolonizando a língua, ampliando o que é reconhecido como literatura e trazendo novas referências para quem antes não se via representado.

1 resposta

Ter mulheres negras diversas no sarau é essencial porque nossa existência não é uma coisa só. Somos de idades diferentes, temos vivências distintas, e cada uma carrega uma forma única de se expressar. Isso desmonta a ideia de que há um único jeito de ser mulher negra. Quando uma de nós fala, escreve ou declama, outras se reconhecem e percebem que suas vozes também importam. Esse impacto vai além do sarau. A literatura e a língua sempre foram usadas como ferramentas de exclusão, impondo um modelo único de escrita e fala. Mas quando mostramos que a nossa

linguagem também é arte, também é conhecimento, estamos ampliando o que é considerado literatura. Estamos dizendo que nossa fala tem valor, que nosso jeito de narrar o mundo precisa ser ouvido. E isso muda a forma como a sociedade enxerga não só a literatura, mas também quem tem o direito de escrevê-la.

1 resposta

A diversidade de vozes femininas negras no sarau é essencial porque cada uma traz uma perspectiva única. Não existe uma 'experiência única' de ser mulher negra. Somos de idades diferentes, temos trajetórias distintas, falamos de amor, de luta, de maternidade, de política, de sonhos. Quando todas essas vozes se encontram, criamos um mosaico poderoso da nossa existência. Na sociedade, isso impacta a forma como a literatura e a língua são vistas. O sarau prova que não existe só um jeito 'correto' de escrever ou falar. Mostramos que a língua uma voz que tem muito a dizer, mas os espaços sempre tentam calor. Ver a cultura do mundo sem a participação da mulher negra é ver as coisas totalmente incompleta agem é viva, que nossa forma de expressão tem valor literário, que nossa literatura é legítima. E quando ocupamos esse espaço, estamos dizendo: 'estamos aqui e nossa voz não vai ser mais ignorada'.

1 resposta

Acho fundamental, pois somos plurais, diferentes vivências, diferentes formas de se expressar e entender o mundo. A partir do momento, que se cria um espaço de divulgação, infelizmente via rede social, em que o conteúdo é compartilhado e consegue ultrapassar a barreira dos algoritmos, ganha alcance como por exemplo a Ryane Leão e a Luana Carvalho. Precisamos fortalecer mais nosso pretuguês!

1 resposta

Vejo como uma grande manta a ser tecida por cada uma , com cores e formas diferentes , mas que se conectam através do respeito e acolhimento de cada história. Impacta através da atualização dos temas abordados e de grupos formados por mulheres negras que multiplicam sua ancestralidade.

1 resposta

Ter vozes femininas negras diversas no sarau é fundamental — não só como representatividade, mas como uma forma de existência e resistência. Cada mulher preta que sobe no palco e fala, canta ou declama está rompendo com séculos de silenciamento. E isso muda tudo.

1 resposta

1 resposta

Muito necessária ,pois transmite a veracidade das vivências históricas.Carolina Maria de Jesus,

1 resposta

Cada vez que essa junção se der, é o firmamento da nossa ancestralidade

1 resposta

**7) Influência de Autoras Negras:** Quais autoras negras influenciam a sua escrita ou a sua forma de ver o mundo? Como elas contribuem para a sua construção identitária?

Muitas autoras negras influenciam minha escrita e minha visão de mundo. Conceição Evaristo, por exemplo, me ensina sobre a força da 'escrevivência' — essa escrita que parte da vivência, do corpo e da memória. Seus textos me mostram que nossa história precisa ser contada por nós mesmas. Bell Hooks e Angela Davis ampliaram minha compreensão sobre feminismo negro, ajudando-me a enxergar como raça, gênero e classe se entrelaçam nas nossas experiências diárias. Já Carolina Maria de Jesus me inspira pela forma como transformou a dor e a marginalização em potência literária. Sua escrita crua e realista me lembra que nossa voz importa, mesmo quando tentam nos silenciar. Essas mulheres me ajudam a construir minha identidade ao reafirmarem que minha história e minha forma de expressão são legítimas. Elas me ensinam que resistir é também narrar, registrar e compartilhar nossa visão do mundo. Minha escrita existe porque antes delas, outras mulheres negras ousaram escrever.

1 resposta

Muitas mulheres negras moldaram minha escrita e minha visão de mundo. Conceição Evaristo me ensinou que nossa escrita carrega nossas vivências, que memória e literatura andam juntas. Suas palavras me mostraram que minhas histórias têm valor, que minha ancestralidade se reflete na minha escrita. Bell Hooks e Audre Lorde me fizeram entender a importância do feminismo negro, do autocuidado como resistência, da luta coletiva. Sueli Carneiro me ensinou sobre identidade, sobre não aceitar menos do que merecemos. E eu não posso esquecer Mel Duarte, porque quando vi uma mulher negra jovem declamando poesia e sendo reconhecida, percebi que esse espaço também era pra mim. Todas elas, de formas diferentes, me fizeram ver que minha voz importa. E hoje, quando escrevo, sei que faço parte dessa corrente que veio antes e que ainda vai continuar depois de mim.

1 resposta

A primeira autora negra que me impactou foi Carolina Maria de Jesus. Quando li Quarto de Despejo, entendi que nossa escrita pode ser crua, direta e, ainda assim, carregada de poesia. Carolina escreveu sem pedir licença, e isso me inspira a fazer o mesmo. Conceição Evaristo também é uma referência forte para mim, me lembra que nossas histórias precisam ser contadas por nós mesmas. Além delas, leio muito Audre Lorde e Bell Hooks, que me ajudam a pensar o feminismo negro de uma forma prática, conectada ao dia a dia. Elas me ensinaram que minha raiva é legítima, que minha voz tem valor e que minha escrita pode ser um espaço de cura e luta ao mesmo tempo. Todas essas mulheres me fazem lembrar que ser negra e escrever é um ato político — e eu quero continuar ocupando esse espaço.

1 resposta

Audre Lorde e Maya Angelou me fazem entender que ser mulher negra e escrever é um ato político. Elas me ensinam que nossa escrita pode ser denúncia, pode ser afeto, pode ser revolução. Elisa Lucinda e Cidinha da Silva trazem uma poesia que dialoga com o cotidiano, com a oralidade, com o humor e a crítica social, mostrando que a literatura negra pode ter múltiplos tons e abordagens.

1 resposta

Carolina Maria de Jesus. Contribui com sua visão além , cantora - compositora, escritora, poetisa brasileira , me direciona a seguir em frente e ver que sua verdade chega onde você nem imagina.

1 resposta

Muitas autoras negras influenciam a minha escrita e a minha forma de ver o mundo, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Mel Duarte e Slam das Minas.

1 resposta

A realidade apresentada por Carolina Maria de Jesus é atemporal. Também gosto muito da escrita da Conceição Evaristo.

1 resposta

Carolina Maria de Jesus, Dijanira ribeiro ,Abdias do nascimento .conceição Evaristo. Maria Firmina dos reis.

1 resposta

Ryane Leão, Luana Carvalho, Carolina de Jesus, bell hooks, Conceição Evaristo, Maya Angelou.

1 resposta

Djamila, Conceição, Bell.